

---

## Antes do Fórum: Paço Imperial, Rio de Janeiro - RJ (2017) por Evangelina Seiler

---

“Esse erro perpétuo, que é precisamente a ‘vida’, não dá suas mil formas somente ao universo visível e ao universo audível, mas também ao universo social, ao universo sentimental, ao universo histórico etc. [...] Só temos do universo visões informes, fragmentárias, que completamos com associações de ideias arbitrárias criadoras de sugestões perigosas.”[1]

O trabalho de Victor Mattina não permite a zona de conforto; explora a surpresa e o espanto e mostra de antemão que o artista não acredita na obra feita meramente para embelezar o mundo. Faz parte da estética fundamental do artista escolher situações relacionadas a zombarias, rituais, crimes, saúde mental e morte.

Nesta exposição, várias telas de diferentes tamanhos dão forma a uma intensa narrativa pictórica. Baseadas em fotografias criminais de peritos forenses, as obras podem ser vistas como uma película de cinema editada com vários cortes, incluindo os espaços reflexivos da parede em branco. Apesar do jogo de associações criado invariavelmente pelo espectador a partir da ambiguidade entre a visão técnica do perito forense e a obra, cada uma das telas é individual e tem valor particular como corte incisivo em uma realidade carregada de ameaças, um campo de atuação cheio de vestígios.

Os objetos ensanguentados, quebrados ou derrubados, simplesmente caídos ou aparentemente abandonados, instalam o caos na ordem doméstica. Vê-se que os objetos configuram a única força organizadora em meio ao complexo desenvolvimento dramático, e que o estado de atenção é sempre mantido em atividade e revisitado como se as obras ajudassem a reencenar o crime repetidas vezes em cada uma das telas.

As cenas produzem reflexões sobre o ato de viver intensamente o momento anterior ao crime, tanto na vítima quanto no criminoso, e um nível máximo de tensão, uma energia vital levada ao ápice de sua potência. A articulação de uma verdade precária surge na constatação de que a área de cada uma das cenas é uma trama abstrata na qual os traços de um crime geram antes de tudo um campo de força, um território dinâmico e elástico que dá forma a um conflito.

E, nesse sentido, a sala da exposição age como um fórum e se equilibra sobre três elementos fundamentais: uma contestação do objeto ou lugar, uma interpretação que traduz a linguagem das coisas e uma assembleia pública que passa a ser organizada com a entrada do espectador em cena. A prosopopeia acontece e os objetos inanimados adquirem narrativa psicológica, tornam-se as principais testemunhas.

Na sala de exposição as perguntas e respostas acabam surgindo e pendulam entre o espaço expositivo, o conteúdo das telas e o público; tudo é mediado por posições, ângulos e ligações lógicas. Questões sobre cumplicidade, julgamento, renúncia e impotência suscitam uma situação de incerteza no espectador. Apesar de lançar interrogações a diversos processos políticos e sociais, Victor Matina não tem o objetivo de denunciar injustiças, de julgar ou até mesmo de revisar a história, mas sim e apenas o de deformar e alargar indefinidamente o tempo de uma ação, talvez mostrando-nos que podemos morar eternamente nessa paralisia.

Evidências criminais vistas por meio de uma representação artística podem interferir em fenômenos protocolares e expandir a percepção, indicando que a lida com questões contemporâneas e burocráticas merece a visita dos artistas. O diálogo com uma obra como a intervenção da artista turca Banu Cennetoglu, na fachada ancestral do Museu Fridericianum em Kassel durante a Documenta14, é evidente, e em alguma medida Mattina também parece dizer que estar seguro no mundo de hoje é assustador: *Being Safe is Scary*.

---

[1] Marcel Proust. A fugitive. Em busca do tempo perdido. Volume VI. Editora Globo, 2012, p. 204-5.

O lugar do fórum, por sua vez, não é mais a arena limitada de um edifício, e também não se restringe à sala da exposição. Ele se expande especulativamente à vasta abstração da mídia eletrônica, onde o diálogo continua, se desdobra e promove um novo formato de fórum, no qual várias comunidades agem, reagem e interagem diante de diversas situações mediadas por suas culturas, seus preconceitos, seus conceitos e suas crenças. A articulação contemporânea da verdade pública se faz, assim, de modo cada vez mais evasivo, concretizando-se ainda como o conceito de pós-verdade, termo cunhado em 1992 pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich.

O trabalho de Victor Mattina, como quer Walter Benjamin, mostra que o presente jamais cessa de se reconfigurar diante de uma imagem – por mais factual, por mais forense e inapelável que seja o momento –, até porque o passado jamais deixa de adquirir novas configurações e a imagem só é cogitável como construção da memória.

**Texto de Evangelina Seiler para a exposição Antes do Fórum: Paço Imperial, Rio de Janeiro - RJ (2017).**

---

## **Luzia: Fundação Joaquim Nabuco, Recife - PE (2017) por Victor Mattina, com colaboração de Moacir dos Anjos**

---

A pesquisa “Heterotopias: a cidade dos mortos”, foi desenvolvida no âmbito do Programa de Residências da Fundação Joaquim Nabuco. Seu foco foi o cemitério recifense Senhor Bom Jesus da Redenção, popularmente conhecido como cemitério de Santo Amaro, em razão do bairro onde está situado. Considerado por Gilberto Freyre como sendo um dos primeiros e mais elaborados do Brasil, possui uma capela no estilo gótico no centro de uma arquitetura radial que secciona o terreno em alas. Centenas de túmulos, jazigos, mausoléus e gavetas amalgamam o tempo povoado por sobrenomes. Múltiplas gerações coabitam as terras desta pequena e muda cidade. Ali veem-se imagens de rostos jovens de mortos, com seus cabelos engomados, gravadas em elipses de louça branca. Um nome riscado apressadamente a lápis na parede da gaveta recém-selada. Uma jardineira alimentada pelas chuvas de inverno vizinha de outra com flores de plástico.

A partir das versões em negativo das mais de mil e setecentas capturas fotográficas feitas da necrópole durante a pesquisa, um pequeno grupo foi usado como modelo para pinturas a óleo sobre telas de variados tamanhos. Telas que são apresentadas como bandeiras que tremulam sobre as paredes. As cores e sombras invertidas das imagens parecem eletrificar as estruturas funerárias de cimento, cal, azulejo e mármore. A vegetação abundante não emana tons de verde, mas um púrpura químico, feminino e intoxicante. O cemitério pulsa sob a luz de um céu negro e o tempo teima em travar. São imagens que se recusam a transcrever, como pintura, aquilo que as fotografias retêm de modo exato, apagando parte dos referentes precisos daquelas e oferecendo, em troca, impressões mais vagas do objeto pesquisado. Distanciamento do documental que gera um conhecimento sensível que somente a opacidade é capaz de criar.

A exposição é composta ainda por dois outros trabalhos. O primeiro é um conjunto de objetos fragmentários – pedaços de osso, de lápide, de vaso, de santo, de louça, de flores – dispostos sobre uma superfície em suspenso que lembra o corpo de alguém que já não está sobre uma cama esvaziada. Inventário de investigação forense que representa pessoa ou fato mais por vestígios e traços do que por inequívocas evidências encontradas. O segundo trabalho – sonoro – parece evocar o mar em dias de ressaca ou trovoadas se acumulando antes da chuva de inverno. Um som que parece vir de um futuro no qual os humanos foram extintos e tudo rui em efeito cascata. Um tempo por vir em que o concreto velho e poroso das cidades cederá e nada impedirá a queda das estruturas. As fundações serão engolidas de uma só vez pelo chão. Não se trata de uma profecia apocalíptica ou simples visão pessimista, mas o destino real dos materiais que edificam as vidas.

A exposição leva nome de mulher – “Luzia”. Pretérito imperfeito de um verbo polivalente.

**Texto de Victor Mattina (com colaboração de Moacir dos Anjos) para a exposição na Fundação Joaquim Nabuco, Recife - PE (2017).**

---

## **Indolor: 6ª Edição da Bolsa Pampulha, Belo Horizonte - MG (2016)** **por Luisa Duarte**

---

A obra de Victor Mattina traz consigo um desafio complexo e longínquo: como tornar visível o invisível. Suas pinturas figurativas que, grosso modo, poderiam ser descritas como a cena de um hospital, uma sala de jogos, ou ainda um jardim contido e turbulento, são tudo, menos meras paisagens cotidianas. Jamais nos recordamos desses lugares dessa forma quando diante de suas telas. Olhadas uma ao lado da outra, as três pinturas formam, em verdade, uma sintaxe visual que exala a angústia de uma presença ausente. Essa ausência nos fala, forja-nos, e contamina. De algum modo tateamos o fato, tão abstrato, de que somos também sujeito daquilo que vemos.

Mattina se inscreveu no edital da sexta edição da Bolsa Pampulha como um pintor – artista cuja linguagem é comumente avessa à natureza desse tipo de programa. Naquele gesto, desejava pesquisar o universo dos hospitais psiquiátricos e também aqueles de culto e devoção religiosa em Belo Horizonte.

“Contaminação”, “Contenção” e “Vacância”, as três telas exibidas no Museu da Pampulha, são frutos desse processo. A cama que flutua, o jardim que é só espera, o jogo que já terminou ou sequer teve início... Pinturas seguras e, a um só tempo, mancas. Mancas por incluírem o silêncio, a falta, o outro gaguejante, habitante de territórios às margens, que a tornou possível.

A sensibilidade para perceber um dos maiores nós de nossa época, qual seja, a disparidade da natureza dos tempos, encontra-se nessas palavras do artista: “Dá pra pensar que a marcha lenta dessa vida que enferruja é mais próxima à das plantas que a de outras pessoas. Lidar com brotos, vê-los virarem folhas, com frutos e flores é uma boa maneira de aprender a abandonar o relógio e viver no tempo das coisas. Tudo vive e tudo quer, a pena é que as coisas superam a gente nesse sentido.”

A atenção de Victor Mattina volta-se para locais destinados a acolher sofrimento ou questionamento extremos, ou seja, embebidos de um registro que é, sobretudo, intangível. Entretanto, tais espaços jamais foram incorporados em sua pesquisa, ecoando qualquer traço de oportunismo ou ilustração. Cada tela acolhe o mistério próprio da cena original. Um estado de desamparo ecoa no trabalho. Mas, no lugar de significar fragilidade, debilidade, o desamparo constitui uma insuspeita força, quando forja vínculos sociais. “É possível você utilizar uma saída mais freudiana para falar que as pessoas entram em relações sociais para firmar seus desamparos. Firmar seu desamparo quer dizer que você entra nas relações sabendo que não vai encontrar no outro aquilo o que o ampara. Eu vou encontrar no outro aquilo que me despossei, que me desampara. Mas é um desamparo formador. De certa forma, significa a capacidade que eu vou desenvolver de me abrir àquilo que eu não controlo no outro.”

Suas pinturas parecem murmurar, acompanhando os versos do poeta romântico Friedrich Hölderlin: “Ali onde mora o perigo / cresce aquilo que salva.”

### **Texto de Luisa Duarte para a exposição Indolor: 6ª Edição da Bolsa Pampulha, Belo Horizonte - MG (2016)**

---

Entre Maio a Outubro de 2016, Mattina morou na cidade de Belo Horizonte para desenvolver seu projeto de pesquisa e residência da 6ª Edição da Bolsa Pampulha.

Acompanhado da psicóloga Fabiane Melo, percorreram instituições públicas e privadas da saúde mental na capital mineira. Fotografias, entrevistas e anotações se transformaram nesta série de trabalhos.

Curadoria: Cauê Alves / Texto: Luisa Duarte / Orientadores: Luisa Duarte, Mabe Bethônico e Moacir dos Anjos